

## **Liberdade e responsabilidade na ação**

**Prof. Mário Antônio Taddei Sá**

Na introdução do texto, encontro elementos que não me permitem mais ficar calado. O filósofo quer participar do encontro neste Jardim colorido de ideias, mas aberto aos diálogos, reflexões, conflitos, construções e desconstruções.

Busco no Existencialismo o espaço propício para este passeio, no encontro com Heidegger, Sartre, Husserl, Nietzsche e outros. Portanto, a iniciativa do diálogo é uma dialética que nos proporciona a oportunidade de alcançarmos os objetivos acadêmicos necessários para não estagnarmos na técnica e colocarmos nossos olhares na essência do Direito com uma visão mais heliocêntrica.

O ponto de partida pode ser a Fenomenologia (método elaborado por Husserl) que nos leva à “Filosofia da Vivência”, proporcionando a teoria filosófica transformar-se numa prática cotidiana. Husserl parte do pressuposto de que “para se conhecer a verdadeira natureza do fenômeno é necessário aproximar-se dele com consciência pura, abstendo-se de pensar dele qualquer coisa que possa ter sido dita pela filosofia, história, literatura ou até mesmo pelo bom senso”.<sup>1</sup> Seu discípulo principal, Martin Heidegger, parte da fenomenologia defendendo a ideia da intencionalidade da consciência. Nesse sentido, Ser Humano significa tornar-se humano. Ao nascer sou apenas “filho de humanos”, pois, segundo o filósofo, cheguei ao mundo de forma passiva, que ele chama de *facticidade*. Não pedi para nascer e, agora, encontro-me diante desse universo que não criei mas nele eclodi! O homem é um ser no mundo, ou seja, um ser-aí. A partir do ser-aí surge a especificidade do SER: a existência. Assim, posso escolher sair da passividade e participar ativamente de meus atos.

Numa segunda fase, esse homem pode tomar a iniciativa de descobrir o sentido da existência e orientar as suas ações através da *transcendência* (o prefixo “trans” significa “ir além de”).<sup>2</sup> Ele é o único responsável por suas ações e desenvolvimento de sua individualidade. Assim, “os homens não são

---

<sup>1</sup> BATTISTA, Mondin. **Curso de filosofia**. V. 3. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 185.

<sup>2</sup> ARANHA, Maria Lúcia, *et al.* **Introdução à filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993, p. 304.

iguais. Nosso desejo é não possuir nada em comum. A natureza odeia a igualdade, ela ama a diferenciação do indivíduo, das classes, das espécies (Nietzsche).”<sup>3</sup>

Nessa dimensão, tenho a liberdade de partilhar, conviver e participar do processo de aprendizagem neste Jardim, com pessoas de diferentes pensamentos, conhecimentos e atitudes. Como foi citado, o Jardim é peripatético (perípatos, significa “caminhando entre colunas”, nome da Escola de Aristóteles, que funcionava no canto esquerdo no fundo do Liceu). Também eu caminho nele, nos vários ambientes. Jean-Paul Sartre, filósofo existencialista francês, nos ajuda a pensar na liberdade como possibilidade humana. Ele defende a idéia que a liberdade não tem limites. Na responsabilidade de gerenciar a liberdade, engaja-se não somente o indivíduo, mas também a humanidade, pois é ela o grande projeto de convivência das diversas liberdades. “O homem está condenado a ser livre, bem como a humanidade está condenada a fazer conviverem estas liberdades. Significa que não existe nada que a impeça a não ser ela mesma, ou que não temos a liberdade de deixarmos de ser livres. Para ela todas as atividades são equivalentes”.<sup>4</sup> É aqui que o filósofo não admite mais a omissão de calar e busca na liberdade o seu processo de libertação, de contemplação à ação criadora, desafiando seus próprios limites, encontrando no seu interior as próprias potencialidades de superação e propiciando aos demais uma discussão sobre o problema.

No “O Caso dos Exploradores de Cavernas”, talvez o filósofo seja morto pelos demais, devido ao seu posicionamento diante de uma situação que se refere à essência e sobrevivência, provocando um processo de desacomodação do grupo. Quando nos encontramos na caverna estamos acomodados no processo da facticidade, dirigidos pelas “sombras”, pelas ilusões, presos às correntes dos preconceitos e das aparências, às vezes vencidos pelo próprio individualismo ou vaidade daqueles que se acham superiores. O filósofo não iria se oferecer ao sacrifício, mas provocaria, pela sua atitude, uma indignação perante os demais, levando-os ao desejo calar-lhe

---

<sup>3</sup> BATTISTA. Op. Cit., p. 75.

<sup>4</sup> BITTAR, Eduardo C. B.; ALMEIDA, Guilherme Assis de. **Curso de filosofia do direito**. São Paulo: Atlas, 2001, p. 348.

para sempre, transformando-o em alimento para os outros. “A dúvida é a dona do desespero existencial. É essa dúvida que martiriza o homem, e é dela que se vive, e é nela que mora a chave da responsabilidade existencialista; entre múltiplas escolhas de liberdade, a que mais convenha àquele sujeito”.<sup>5</sup>

Sartre afirma que essa liberdade sofre o condicionamento absoluto, pois o homem isolado, separado da sociedade, não existe: ele existe junto com os outros e cercado das coisas materiais. Por isso não temos a liberdade absoluta sem condicionamento. “Tudo o que acontece no mundo remonta à liberdade e à responsabilidade da escolha originária”.<sup>6</sup> “Assim, ao compreender o seu ser, o homem dá sentido ao passado e projeta o futuro (*pró-jeto* - ser lançado adiante). “As pessoas fortes não precisam disfarçar o desejo sob o manto da razão, seu argumento é simplesmente: ‘EU QUERO’. Ao superar a facticidade, atingem um estágio superior, que é a EXISTÊNCIA, a pura essência do ser” .<sup>7</sup>

Aí, o homem tende a recusar o seu próprio ser, que ainda se acha oculto. Essa dificuldade chama-se angústia (processo desconfortável de superação):

“Ela surge da tensão entre o que o homem é e aquilo que virá-a-ser, como *dono do seu próprio destino*. Na sua obra o *Ser e o Nada*, Sartre cita a consequência desta postura: - Inautenticidade: é a despersonalização que faz o homem mergulhar no anonimato. Anula qualquer originalidade. *A aparência pertence também à realidade: ela é uma das formas de sua essência*. Inautenticidade é impessoalidade: come-se, bebe-se, vive-se”.<sup>8</sup>

Ao contrário, então, a autenticidade será o homem que se pro-jeta no tempo, em direção ao futuro. Existir é lançar-se continuamente a possibilidades sempre renovadas. E, na linha de Heidegger, “a melhor coisa no homem é a força de vontade, o poder e a permanência da paixão. Sem paixão somos incapazes da ação”.<sup>9</sup>

Se quisermos definir o homem numa perspectiva existencialista, só se poderá dizer o que ele é pelo que efetivamente faz, pois “a conduta do homem medíocre é ditada pelo medo”.<sup>10</sup> No existencialismo camusiano, citado por Bittar e Almeida, “focaliza-se o homem nos momentos que ele é mais homem,

<sup>5</sup> BITTAR; ALMEIDA. Op. cit., p. 348.

<sup>6</sup> SARTRE, Jean-Paul. **Crítica da razão dialética**. São Paulo: DP&A Editora, 2002.

<sup>7</sup> ARANHA, Maria Lúcia, et alii. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993. p. 306.

<sup>8</sup> ARANHA, Maria Lúcia, et alii. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993. p. 308.

<sup>9</sup> ARANHA, Maria Lúcia, et alii. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 1993. p. 306.

<sup>10</sup> BATTISTA, Mondin. **Curso de Filosofia**. São Paulo: Paulinas, 1983. v. 3, pág. 74.

ou seja, na própria vivência das situações. Então, há nisso preocupação de identificar no homem não algo diferente do que realmente é, mas como se comporta de fato”.<sup>11</sup> Com isso, é possível concluir que “não importa o que fazem no homem, mas sim o que ele faz do que fizeram dele”.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> BITTAR, Eduardo C. B.; ALMEIDA, Guilherme Assis de., cit. P. 345.

<sup>12</sup> Com Sartre, cfe . ARANHA, Maria Lúcia, et alii. **Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna,1993. p. 304.